

**VIVER NA TERRA E VIVER DA TERRA: SOCIABILIDADES NO COTIDIANO DE FAMÍLIAS EM ASSENTAMENTOS RURAIS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL**

Marisa de Fátima Lomba de FARIAS<sup>1</sup>

**RESUMO:** As reflexões apresentadas objetivam registrar o vivido em assentamentos rurais do estado de Mato Grosso do Sul. Para tal, analisamos a vida-travessia de pessoas que demonstraram sua compreensão sobre os significados de viver *na* terra e viver *da* terra. Consideramos que esta busca inicia-se no acampamento e se prolonga para além da chegada ao assentamento, por ser uma travessia que não se finda, constitui-se e (re) constitui-se na procura constante para fazer deste lugar, o ponto de chegada. Porém, a vida está em constante movimento, as famílias acompanham-no com criatividade revigorando sociabilidades estruturadas por antigas e novas relações e valores. Por isso, suas histórias de vida são reconstruídas nas relações sociais tecidas nos assentamentos com características de incompletude. Neles a vida se transforma, se movimenta com (des) continuidade, ou, talvez, com uma continuidade mais intensa do que se imagina. Assim, na vida-travessia, o antigo continua a orientar o projeto familiar e o novo nem sempre é incorporado. Este artigo resulta de um período de pesquisas qualitativas desenvolvidas por meio de observação participante, realização de entrevistas e aplicação de formulários em assentamentos rurais do MS, desde os anos de 1990, e neste momento com ênfase a partir de 2005.

**PALAVRAS-CHAVE:** Assentamentos rurais. Vida-travessia. Terra. Trabalho. Família.

**Para iniciar as reflexões**

Como então? Desgarrados da terra?  
Como assim? Levantados do chão?  
Como embaixo dos pés uma terra  
Como água escorrendo da mão?

Como em sonho correr numa estrada?  
Deslizando no mesmo lugar?  
Como em sonho perder a passada  
E no oco da Terra tombar?  
(NASCIMENTO; BUARQUE, 1997).

Quando eu morrer  
Cansado de guerra  
Morro de bem  
Com a minha terra.  
(BUARQUE, 1997).

Estas reflexões procuram demonstrar algumas compreensões sobre a vida-travessia de famílias em assentamentos rurais de MS, lugares de sociabilidades, onde se instituem resistências e criam-se mecanismos para a permanência na nova terra. Não tão nova, se

---

<sup>1</sup> UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Faculdade de Ciências Humanas - Departamento de Ciências Sociais. Dourados – MS - Brasil. 79804-970 - marisa.lomba@ufgd.edu.br.

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

olharmos a trajetória de vida dessas famílias que de alguma terra saíram, e para ela desejaram e conseguiram voltar. Sim, retornaram a um lugar de direito e de desejo, conquistado por meio de sofrimentos e de alegrias, de festa e de decepções, ambiguidades próprias do cotidiano, aqui compreendido como a vida-travessia<sup>2</sup>.

Os trechos das canções utilizadas para iniciarem este texto expressam as idas e vindas dessas famílias, mesmo “desgarradas do chão” por inúmeros motivos, desde a opção – nem sempre tão livre diante de poucas alternativas – por buscarem empregos nas cidades até a expulsão forçada pelo capital que fez do campo a alternativa de ampliação do seu poder econômico e político.

Mesmo saindo do campo, a terra e a água deixaram suas marcas nos corpos e na memória de cada pessoa que parecia não ter saído do seu lugar, continuava “Deslizando no mesmo lugar. Como em sonho perder a passada. E no oco da Terra tombar?”. Esta terra permaneceu povoando a memória das famílias como um elo de ligação entre o sonho e a realidade, entre os desejos e as conquistas, entre o que existe e o que há por vir. Por isso, penso na vida-travessia dessas famílias com uma incompletude a orientar a busca constante por sentidos e significados de suas ações, para o seu trabalho, ou seja, para a sua vida nesta terra.

Lembremo-nos do que disse Epicuro:

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais. (EPICURO, 2002, p.33).

As famílias esforçam-se sobremaneira para *viverem na terra e da terra*, caminhando por uma travessia que faz das relações sociais, desafios permanentes. Essas relações fortalecem as identidades de agricultores/as familiares, camponeses/as, enfim, legitimam esta terra como um lugar de moradia, de trabalho e de sociabilidades, o que é demonstrado nas palavras de Dona Terezinha:

Mas a minha vida eu acho muito importante, eu sou uma mulher muito feliz eu gosto muito de sorrir, eu gosto muito de brincar, eu sou muito feliz. Tenho passado por maus momentos, mas a felicidade está sempre [...] está junto comigo, me acompanha [...] e mais também eu achei assim [...] **porque tudo que eu sonhava na minha vida [...] era de um dia eu ter**

---

<sup>2</sup> Inspiro-me em Guimarães Rosa.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

**um pedaço de terra, pra morar em cima pra viver com minha família.**  
(Assentamento Sul Bonito, Itaquiraí-MS, 2005, grifo nosso).<sup>3</sup>

As histórias de vida das famílias são reconstruídas nas relações sociais tecidas nos assentamentos rurais. Neles parece que não há completude, tudo se transforma, em um movimento de (des)continuidade, ou, talvez, com uma continuidade mais intensa do que se imagina, diante das ambiguidades presentes nos sonhos, nas estratégias familiares. Portanto, o antigo continua a orientar os caminhos, o novo nem sempre é novo ou incorporado na vida-travessia que também pode ser compreendida com Epicuro quando diz o “[...] futuro não é totalmente nosso, nem totalmente não-nosso.” (EPICURO, 2002, p.33).

As pessoas envolvidas nas pesquisas, moradoras de diversos assentamentos do estado de Mato Grosso do Sul, buscaram por meio da Reforma Agrária, especialmente com a mediação de movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), a CUT (Central Única dos Trabalhadores), a Fetagri (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Mato Grosso do Sul) a CPT (Comissão Pastoral da Terra), a conquista da terra de trabalho. São trabalhadores/as que buscaram um lugar digno para viverem, trabalharem e criarem as/os filhas/os com fartura. Demonstaram através de entrevistas e sentidos explicitados no convívio durante os momentos de pesquisa, o desejo de envelhecerem com dignidade em contato com a natureza, longe das dificuldades e inseguranças das cidades.

Essas famílias apresentam trajetórias díspares, sejam aquelas ainda vivas em suas memórias responsáveis por trazer à tona, as lembranças de um passado vivido na terra, nos pequenos sítios de familiares, seja a concretude de uma experiência, no passado, quando viviam em condição de arrendatárias, boias frias, empregadas em fazendas, algumas com registros, mas a maioria sem nenhum direito assegurado.

Grande parte dessas pessoas relatou uma trajetória de migrações sucessivas com certas semelhanças: pessoas vinham do estado do Paraná, fixavam-se em Mato Grosso do Sul durante a infância, quando adultas partiam para cidades paulistas, regressando para o Mato

---

<sup>3</sup> As reticências são utilizadas para indicar pausas, momentos de reflexão e de emoção demonstrados pela pessoa entrevistada, e os colchetes indicam supressão de trechos da entrevista.

É importante ressaltar que há uma cumplicidade entre as pessoas envolvidas na pesquisa, tanto as “pesquisadas” quanto a “pesquisadora”, portanto, há um aceite livre – parecer favorável – das mulheres partícipes do processo, cujo registro consta em fitas gravadas e arquivadas no Laboratório de Estudos de Fronteiras (LEF) da UFGD e disponíveis.

Ao realizarmos as transcrições dos depoimentos, optei por corrigi-los parcialmente, por entender que, ao falarmos, não temos o mesmo cuidado que ao escrever; além do mais, um depoimento com muitos “erros” pode ser mal interpretado ou, até mesmo, incompreendido. Porém, me preocupei em manter as características da fala dos/as entrevistados/as, as peculiaridades do seu modo de expressão.

Dona Teresinha aparece em outros momentos de minha “produção” científica, principalmente, por suas afirmações terem um significado de resistência e por ser uma mulher, que marcou minha trajetória de pesquisa.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

Grosso do Sul. Mesmo existindo similaridades nesse processo migratório, algumas especificidades são detectadas, como por exemplo: famílias que se deslocaram diretamente do Paraná para participarem dos movimentos pela posse da terra nos assentamentos rurais de Mato Grosso do Sul; outras pessoas, ainda na infância, chegaram com suas famílias do nordeste, cresceram no estado e quando jovens ou adultas, iniciaram participação em algum movimento social, e atualmente, são assentadas.

Nesse cenário de migração, estão também, as famílias brasiguaias vindas do Paraguai para fugir às condições de trabalho semi-escravo e no Brasil, são apoiadas pelos movimentos sociais. Esse fluxo ocorre desde os anos de 1980, com maior ou menor intensidade em determinados períodos históricos.

Por outro lado, muitas famílias apresentam uma trajetória urbana, mesmo com semelhanças no processo migratório. Para elas, a reivindicação por terra é uma escolha para o alcance de uma vida melhor, com o objetivo de fugirem do desemprego ou do emprego precário. Segundo afirmaram, nas cidades viviam em condições de extrema escassez, sem casa própria, sem acesso à saúde, educação e alimentação digna.

Assim sendo, essas famílias, hoje nos assentamentos, vivem um esforço constante na travessia para fazer deste lugar o ponto de partida e de chegada. No entanto, os conflitos e as contradições existem e são constitutivos do cotidiano familiar, no qual as gerações negociam as transformações, aceitam ou repudiam mudanças nos projetos familiares.

### **Os caminhos entrelaçados por teorias e cotidiano**

Neste momento, os conhecimentos a serem compartilhados são fruto de uma trajetória de pesquisa iniciada nos anos de 1990, quando os assentamentos passaram a fazer parte das preocupações teóricas e metodológicas do meu processo de formação enquanto pesquisadora. Outrossim, tais pesquisas transformaram também o meu olhar para o mundo e a sociedade, quando então, assumi um modo teórico que valoriza a vida dessas pessoas a partir delas mesmas, considerando a sua visão de mundo. Eu também convivo com contradições. Em alguns momentos, meu desejo é de apontar caminhos, principalmente quando me aproximo das mulheres e inicio uma convivência de cumplicidade. Em muitos casos, passamos a

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

compartilhar emoções e angústias, mesmo avaliando a distância de classe e diferenças nas experiências entre nós<sup>4</sup>.

Assim, compartilho de uma concepção que rompe com o esquema sujeito-objeto da filosofia ocidental e reafirma a relação eu-outro, orientada por um humanismo e pela valorização das pessoas em suas diferenças, ou seja, as pessoas se constituem na interação com as outras, e neste sentido, “eu” só existo mediante o/a “outro/a” que constitui o meu “eu”. Isso implica, então, que o respeito a outra pessoa, não é, portanto, o ser, mas o/a outro/a. (BIDASECA, 2010) O mesmo pode ser lido na obra de Guimarães Rosa (2001) ao dizer que as pessoas nunca estão prontas, estão sempre se fazendo; e em todo o percurso do vivido apresentado por este autor, as pessoas estão entre pessoas, nos lugares, compartilhando experiências, enfim, se fazendo na outra pessoa, e não em si mesmas. Ou seja, nos construímos na relação com a outra pessoa.

Há uma relação dinâmica entre o eu-outro, isso porque as pessoas precisam “ser”. Além de terem sua individualidade, se fazem individual para “serem social e coletivo”. Portanto, é difícil “ser”, “me sentir”, “me conhecer” se não há o reconhecimento por parte da outra pessoa (BIDASECA, 2010). Tais compreensões sobre o sujeito e sua constante relação para “ser eu no outro” direcionam as pesquisas, tanto ao olharmos para o grupo quanto para a própria equipe e pesquisadora.

Os caminhos teóricos e metodológicos são mais ou menos comuns nas pesquisas desenvolvidas nesta trajetória. Procuramos – em equipe – utilizar entrevistas, aplicação de formulários, dentre outros, mas nos dedicamos, com maior cuidado, à observação participante, procurando permanecer o maior tempo possível entre as famílias, períodos em que se realizam reuniões, oficinas, rodas de conversa, sem esquecer dos momentos de refeições e pernoites, ora em uma casa ora em outra. Estas são as alternativas qualitativas para o convívio com as famílias, pois nos oportunizam compreender melhor o que elas têm de mais específico e também o que apresentam de comum entre elas, principalmente no que se refere às estratégias para a permanência na terra.

---

<sup>4</sup> As reflexões apresentadas neste momento são resultado de uma trajetória de pesquisa individual, iniciada durante o mestrado, e coletiva por meio do desenvolvimento de projetos de pesquisa concluídos e em andamento que envolveram/envolvem/ diversos/as pesquisadores/as. Os projetos recebem apoio financeiro da FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Projeto em andamento sob minha coordenação: Mulheres: Relações de Gênero e de Trabalho nos Assentamentos de Reforma Agrária Guaçu e Santa Rosa, no Município de Itaquiraí-MS (UFGD/CNPq), além de ações de extensão que ocorrem concomitantemente através da Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias da UFGD, com financiamento do Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Educação, FINEP, CNPq e da própria UFGD.

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

As pesquisas são orientadas, nesse sentido, por um conjunto de técnicas qualitativas, permitem cumpri-las com o rigor científico e manter a possibilidade de apreender os sentimentos, as emoções e conviver diretamente com esta realidade, aberta aos *possíveis*, mas, também, de difícil compreensão e envolvida por conflitos diversos: de gênero e geração, econômicos, de valores, enfim, dificuldades próprias da vida cotidiana (LEFEBVRE, 1983).

A vida cotidiana é considerada nesta trajetória de pesquisa como vida-travessia, ou seja, o viver perigoso e ao mesmo tempo dinâmico e com perspectivas múltiplas, multifacetadas e multiformes. É o trilhar de caminhos transitórios por pessoas à procura de segurança, de sossego e de estabilidade. O que é isso senão a vida sendo vivida em meio às correntezas de um rio, às vezes, turvo, mas que também pode ter águas límpidas, nas quais habitam além de animais, sonhos e aspirações? As pessoas na vida-travessia reinventam o tempo miúdo e efêmero, criam alternativas para superação das inúmeras misérias e desilusões que não estão no início nem no fim da travessia, mas se colocam no meio.

Compreender este viver não é tarefa fácil, entretanto, não deixa de ser acúmulos de experiência com sentidos de rebeldia e de deferência como nos ensinou Thompson (1998)<sup>5</sup>, alternando nas mulheres e homens a **deferência** demonstrada como conformidade com o *status quo* e a **rebeldia** surgida diante das experiências de exploração, dificuldades de sobrevivência e também em momentos de repressão e variadas formas de dominação.

Martins nos retrata este viver comum para muitos grupos, que, mesmo com suas adversidades e instabilidades, procuram sentido para a vida-travessia que, para Guimarães Rosa, é um “viver pressentido”. Martins complementa:

Todos nós somos esse homem que não só luta para viver a vida de todo dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destituído de sentido. (MARTINS, 2000a, p.11).

A procura por sentidos que foram destituídos na travessia é o viver em si mesmo, é o desejo de conquistar o que se perdeu pelo caminho de misérias, de expropriação e exploração, ampliando o latifúndio vazio de vida. Quem deseja reconquistar o que lhes foi roubado?

São as mulheres e os homens comuns, agricultores/as familiares que se lançam na travessia como errantes, caminhantes com seus devaneios solitários e coletivos para tomarem posse de:

---

<sup>5</sup> O autor trata deste tema principalmente na Introdução: costume e cultura.

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

[...] condições de vida, de tempo para si e para os seus, de liberdade, de imaginação, de prazer no trabalho, de criatividade, de alegria e de festa, de compreensão ativa de seu lugar na construção social da realidade. (MARTINS, 2000a, p.12).

A reforma agrária é a alternativa para essas famílias tomarem posse do seu “lugar na construção social da realidade” como protagonistas e sujeitos que se reencontram consigo mesmos na terra e continuam a travessia. Por isso, a reforma agrária é compreendida nas pesquisas como:

[...] o resultado convergente de uma luta social e de um processo de intervenção dos poderes públicos, no sentido de garantir o acesso à terra a trabalhadores rurais sem terra. Ela se constrói, portanto, no interior de um campo de forças, o qual encontram-se e negociam os seus principais atores, a saber: os trabalhadores que demandam a terra, com suas trajetórias pessoais e seu perfil local; seus representantes e aliados, numerosos e diversificados, que, freqüentemente, elaboram o organizam o discurso e ampliam (ou restringem) a capacidade de atuação dos trabalhadores envolvidos e os poderes públicos, igualmente diversificados e multifacetários, cuja ação tanto permite aprofundar os espaços da viabilidade quanto impor restrições à sua concretização. (WANDERLEY, 2003, p.206-207).

No processo “convergente de uma luta social” e “de intervenção dos poderes públicos”, a desapropriação de terras é sempre conflituosa, além da longa espera das famílias para a divisão dos lotes<sup>6</sup>, que pode durar cerca de 12 anos. Este fato ocorreu no estado de Mato Grosso do Sul, para a desapropriação da fazenda Santo Antonio que originou três assentamentos no ano de 2009.<sup>7</sup>

Comumente, durante a permanência nos acampamentos, as famílias convivem com o constante clima de tensão, com a presença de jagunços armados e as instabilidades climáticas e econômicas. Além disso, sofrem diante da demora e incerteza em relação à desapropriação da terra. Enfim, vivem experiências de transitoriedades próprias dos acampamentos, mesmo se constituindo no espaço de fortalecimento de solidariedade e sociabilidades, que gera forças para que elas permaneçam “unidas”, é inconstante e inseguro. Este cenário pode ser verificado em todo o país (SCOTT; CORDEIRO; MENEZES, 2010).

---

<sup>6</sup> Entre as famílias dos assentamentos rurais, encontram-se indicações diferenciadas quanto à terra conquistada por meio da reforma agrária. Há pessoas que indicam esta terra como o lote, a parcela ou sítio. No entanto, a concepção de sítio é a predominante, por isso durante o texto utilizaremos as diferentes denominações dependendo o sentido que queremos atribuir e/ou que foi atribuído pelas famílias.

<sup>7</sup> Segundo informações do site da Prefeitura de Itaquiraí-MS, de 21/04/09 “O Complexo Santo Antônio tem cerca de 16 mil hectares de terras formados pelas fazendas Santo Antônio, Caburey I, Caburey II e Caburey III, que foram compradas pelo INCRA por mais de R\$ 120 milhões”. Disponível em: <www.itaquirai.ms.gov.br.>. Acesso em: 26 nov.10.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

Esse contexto é encontrado no estado de Mato Grosso do Sul, onde a “luta por terra” é permeada por disputas acirradas entre vários grupos: latifundiários, com certo poder político no Estado e até mesmo no país; sem-terras e latifundiários; sem-terras e Estado. Essas disputas compõem um contexto de conflitos sempre vivo na memória das famílias assentadas, que remonta à primeira disputa por terra entre arrendatários e fazendeiros, ocorrida no ano de 1979, no município de Naviraí.

Neste conflito, cerca de 250 arrendatários entraram na justiça contra os proprietários de duas fazendas daquela região reivindicando seus direitos sobre as terras, e no ano de 1982, no município de Itaquiraí, outras 700 famílias ocuparam a Fazenda Baunilha. A primeira ocupação com a liderança da CPT (Comissão Pastoral da Terra), ocorreu no ano de 1984, na cidade de Ivinhema, quando mais de 400 famílias acamparam na fazenda de propriedade da Someco. Nesse mesmo ano, tais famílias ocuparam a Vila São Pedro (Distrito de Dourados), ficando à beira da Rodovia (FARIAS, 2002).

Esses primeiros conflitos por terra mais intensos no Estado, são lembrados por muitas famílias, seja por terem participado do fato, ou terem vivido naquele período e acompanhado o desfecho, seja por lançarem mão de uma “memória secundária”, isto é, incorporaram a história de outros grupos e famílias e relatam como uma conquista coletiva, dos sem-terra do Estado.

Tais conflitos ganham um valor simbólico para as famílias, ao enfatizarem a importância das ocupações de terras e a “vitória”, que passam pela desapropriação das fazendas e por sua transformação em assentamento rural. Este é representado como o lugar bom para viverem, para “fincarem raízes”, a exemplo do o frondoso jequitibá, que permanece no campo, como se estivesse a cuidar do lugar, das pessoas e dos animais.

Porém, nem tudo ocorre como o imaginário indica. As terras nem sempre são de fartura ou trazem o sossego esperado, como, por exemplo, o assentamento Taquaral na região do Pantanal, município de Corumbá, onde o solo não é propício para a lavoura, e mesmo assim, muitas famílias foram assentadas naquela região desde os anos de 1984<sup>8</sup>. Além disso, há utilização de áreas de preservação ambiental, fator que amplia as dificuldades de permanência nos lotes (MENEGAT, 2009; FARIAS, 2006).<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Tamarineiro foi o primeiro assentamento criado no estado de Mato Grosso do Sul, em Corumbá, no ano de 1984.

<sup>9</sup> Para a realização da pesquisa de Mestrado, defendida no ano de 1997, o assentamento Taquaral no município de Corumbá, foi visitado e tais problemas já foram detectados. No ano de 2007, nesta mesma região foi desenvolvida outra pesquisa e o cenário apresentou mudanças, no entanto, muitos problemas influenciados por condições climáticas e de características da terra permanecem.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

No relato de uma acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (PRONERA, 2010)<sup>10</sup>, moradora deste assentamento, ela apresenta as dificuldades vividas. Com emoção, apesar de tomar posse do lote em 1989, afirmou que apenas em 2010, a família iniciou a construção da casa sem nenhum financiamento, já no momento de envelhecimento do pai e da mãe. Mesmo assim, “com fé em Deus, mesmo idosos terão a casa própria no assentamento”.

Considerações como essas são comuns em assentamentos do MS, em que famílias convivem com os problemas de infraestrutura, os relacionados à baixa fertilidade da terra e, com a dificuldade de organização. Os exemplos poderiam ser muitos e variados, não sendo este o objetivo no momento, mas, é preciso apenas destacar que os assentamentos rurais convivem com problemas sociais comuns à vida-travessia, portanto, não podem ser considerados como espaços idílicos, mesmo que as famílias os envolvam por seus sonhos e representações de uma vida de fartura e de sossego. Com base em tais exposições, é possível afirmar que os assentamentos rurais são considerados lugares sociais e políticos com a presença de conflitos e de possibilidades.

De modo geral, os assentamentos do estado de MS apresentam terras de baixa fertilidade. Muitas dessas foram exauridas pelos proprietários anteriores, seja com o plantio de soja, milho, algodão ou cana-de-açúcar, ou ainda com a criação de gado e a produção de álcool, além da extração sistemática e rápida de madeiras existentes em grande quantidade no Estado, principalmente, na região da Grande Dourados<sup>11</sup>.

Em uma das pesquisas de campo realizadas, um acadêmico morador antigo no Estado, ao longo da estrada, descreveu, a partir de suas lembranças, a vegetação que compunha a paisagem, antes formada por árvores centenárias e, atualmente, vazia, sem inspiração e recoberta por vegetação de pastagem. Ouvimos, comumente, pessoas residentes de longa data no Estado, principalmente na região da Grande Dourados, falarem sobre as madeiras instaladas a partir dos anos de 1940, e a utilização de madeira nobre.<sup>12</sup>

Este relato demonstra que no Estado de Mato Grosso do Sul, as dificuldades das pessoas que se esforçam para estarem na terra são muitas, são históricas, geradas em um contexto marcado por expropriação, exploração e acumulação do capital. Se não bastasse a

---

<sup>10</sup> A aluna fez tais considerações durante a aula de Didática II, ministrada por mim, em janeiro de 2010, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais (PRONERA/UFGD).

<sup>11</sup> A Região da Grande Dourados é formada pelos seguintes municípios: Dourados, Glória de Dourados, Vicentina, Rio Brillhante, Fátima do Sul, Caarapó, Deodápolis, Douradina, Ivinhema, Jateí e Juti.

<sup>12</sup> Atualmente é possível adentrar casas cuja arquitetura é composta por aquela madeira, exibindo a exuberância dos troncos nos seus tetos e assoalhos. Sobre a instalação de madeiras no estado conferir Albanez (2003).

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

permanência nos acampamentos por vários anos para conseguirem a desapropriação da fazenda, as famílias se deparam com os resultados desta história, na lentidão burocrática e governamental e também nos financiamentos insuficientes. Enfim, com os problemas para gerirem a produção agropecuária.

Em muitos lugares, as famílias assentadas não conseguem responder às exigências do Estado, mesmo porque existem fatores diversos que, de certa forma, limitam os resultados alcançados. Muitos desses estão ligados à dimensão social, no entanto, aqueles relacionados à produção são muito destacados, por se localizarem em uma dimensão mais concreta e material da vida dessas pessoas e, podem influenciar diretamente para que tenham ou não qualidade de vida.

Alguns desses fatores podem ser aqui elencados, como observam Yamin; Farias, (2009):

- a terra conquistada nem sempre corresponde às necessidades de reprodução familiar – tanto por ser insuficiente quanto por ter baixa produtividade;
- os financiamentos são escassos e não chegam no *tempo da terra e dos frutos*;
- as famílias não têm acesso às tecnologias adequadas ao seu modo de vida e às características do solo e do mercado;
- a organização produtiva do sítio nem sempre condiz com as exigências para a manutenção de produtividade, ou mesmo, para a segurança alimentar das famílias;
- existem inúmeras barreiras para a inserção no mercado, um exemplo são as exigências de certificações para os produtos da agricultura familiar;
- há um descompasso entre os objetivos das famílias com a terra conquistada, os do Estado e o dos mediadores, ou seja, o projeto de reforma agrária precisa responder mais qualitativamente ao modo de vida no campo e para o campo;
- em resumo, não há “comunhão” entre os sentidos de produção e reprodução familiar.

Dessa forma, observamos que o Estado não cria alternativas para incorporar as “[...] estratégias de sobrevivência que perturbam a lógica econômica dominante e oferece saídas onde os técnicos e economistas não vêm saída alguma.” (MARTINS, 2000b, p.81).

Esse desencontro entre os princípios do Estado e os dos grupos, que de certa forma negam a sociabilidade que envolve a vida das famílias, pode ser exemplificado com uma

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

frase do senhor Norberto<sup>13</sup>, ao se referir à atuação dos órgãos governamentais: “Eles chegam com o projeto pronto e querem que a gente faça. Outro dia, me telefonaram e disseram que tinham mudas de abacaxi para eu plantar. Eu pensei bem e respondi: “quem disse pra você que eu quero plantar abacaxi? Agora quando a senhora falou sobre o maracujá [...] gostei [...] lembrei do meu vô que plantava e eu via que dava certo.”

### **“O Maracujá eu sei plantar”’: esta na memória e faz retornar um saber-fazer adormecido**

Como ocorre com o plantio de maracujá que estamos acompanhando nos assentamentos Guaçu e Santa Rosa, no município de Itaquiraí-MS, além de outras experiências, como a organização de hortas, a estruturação de uma farinheira, dentre as alternativas produtivas, a memória das famílias é impulsionada e faz as lembranças brotarem como flores nos campos<sup>14</sup>.

Ao efetivarmos o acompanhamento e a realização das pesquisas, percebemos que muitas opções produtivas são os resultados da sociabilidade que renasce nestes momentos, fazendo da lida com a terra o fortalecimento de uma identidade e a valorização de um modo de vida, recuperado e revivido por meio da memória que se fortalece em longas travessias.

Em muitos casos, as famílias desejam desenvolver novamente certa atividade deixada de realizar por algum motivo, sendo um dos mais comuns a dificuldade com a comercialização do produto que, geralmente, é entregue ao atravessador e este obtém o lucro mais substancial. A frase mais comum entre as pessoas durante as reuniões é a seguinte: “Professora, isso nós sabemos fazer”, ou seja, a memória recupera um saber-fazer adormecido.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas, as famílias que participam das pesquisas – cujos resultados aparecem neste texto – vivem um processo dinâmico e qualitativo, o que permite dizer que o cotidiano estudado é repleto de sociabilidades e de tradições, as quais nascem e renascem:

- por entre as flores dos jardins, envolvendo as casas e/ou evidenciando as entradas dos sítios;

---

<sup>13</sup> Morador do assentamento Santa Rosa, Itaquiraí-MS, maio de 2009.

<sup>14</sup> A Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias da UFGD (ITESS/UFGD) acompanha vários grupos em assentamentos de reforma agrária, desenvolvendo a metodologia de incubação pautada nos princípios da Economia Solidária, famílias desses assentamentos participam do processo. Esta experiência tem permitido inter-relacionar os âmbitos de pesquisa e extensão de modo qualitativo.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

- por entre as roças de onde retiram os frutos do trabalho para a reprodução familiar;
- por entre os riachos cantadores de melodias, que alimentam as orquídeas, como no sítio de Dona Apolônia<sup>15</sup>;
- e por meio dos cantares de diversos passarinhos povoadores dos campos e das matas.

Esses assentamentos, como tantos outros, sofreram desmatamentos e, no passado, foram preparados para receberem o gado e não “as gentes”. No entanto, a própria natureza apresenta suas formas de resistência. Alguns riachos e matas permaneceram e são considerados como “uma riqueza” pelas famílias, sejam aquelas que tiveram o privilégio de conviver no próprio sítio com tais recursos naturais, sejam as que falam sobre a existência desses espaços nos sítios dos vizinhos. Há “orgulho” coletivo em relação às paisagens que permaneceram nos assentamentos e passaram a fazer parte da história de vida das famílias.

Nem tudo é dessa forma, pois, nessas mesmas pesquisas, encontramos sítios sem os cuidados necessários, principalmente com o lixo que se espalha por entre as árvores e nos arredores das casas. Observamos, ainda, a reutilização de latões impróprios, que geram riscos à saúde das famílias.

Dentre as visitas realizadas, verificamos um córrego que aos olhos dos/as assentados/as é “uma beleza”, mas, diante da análise de um professor da área de ciências biológicas, foi detectada uma irresponsabilidade ambiental. Sem conhecimentos necessários para chegar a algumas conclusões rigorosas, o proprietário avaliava que suas ações eram as corretas, verdade desconstruída pelas orientações da equipe da pesquisa.

Neste mesmo caso, observamos ações do governo municipal, também impróprias, considerando as reflexões sobre meio ambiente, como o atendimento ao pedido do proprietário do sítio para aterrar o córrego para a passagem de animais, pois a área é dividida pela estrada. Vemos, assim, as ambiguidades e incertezas do cotidiano, o que parece ser nem sempre o é, mas existem as possibilidades, o **possível** na travessia.

**“Uma terra orvalhada de ruim”... sonhos... projetos familiares... palcos da diversidade, de especificidades e múltiplas trajetórias**

---

<sup>15</sup> Entrevista realizada no mês de abril de 2007. Dona Apolônia, moradora do assentamento Lua Branca, município de Itaquiraí-MS

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

É nesse cotidiano que as famílias devem completar a travessia, contudo, ela não está livre das desilusões e de dificuldades em permanecer nessa terra, cujo imaginário das pessoas trazia um lugar de sossego e de fartura para a realização dos sonhos de alcançarem uma vida digna.

Na verdade, muitas dessas desilusões foram encontradas especialmente quando esta terra não germinava, não era de fartura e ainda não apresentava as características necessárias para o plantio. Terra que já estava, há muito tempo, alimentando o gado do fazendeiro, isto é, tornando-se uma terra fraca, cansada e sem inspiração “Uma terra orvalhada de ruim.”, como nos relatou um senhor nos idos de 1997 (Assentamento Marcos Freire, Anastácio-MS). Mesmo assim, as famílias continuam na terra e “tentando dar certo”, como nos mostra a persistência do senhor Mário:

Que dois anos eu plantei e perdi. Quando eu plantei arroz eu perdi, e esse ano passado eu plantava soja, e tornei a perde de novo, agora esse ano vou plantar de novo. (Assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005) .

Em entrevista realizada com o senhor José Otacílio (conhecido como Nonô), no ano de 2007, foi possível perceber os sentidos de subsistência e de aconchego da terra. Para ele, esta deveria corresponder às necessidades da família e produzir do modo que necessitam, e explicou suas concepções por meio de uma analogia entre a terra jovem e a terra velha:

Quando as terras são novas, elas dependem de pouca chuva, quando a terra fica mais velha, ela depende de mais chuva, de mais adubo, então vai fracassando a produção e vai [...] arruinando prá gente [...] né? (Assentamento Guaçú, Itaquiraí-MS, 2007).

Há nesta afirmação, uma relação direta da terra que produz com a juventude e as alterações no envelhecimento, tanto da terra como das pessoas, um ciclo vital a exigir outros cuidados e atenções. Para a terra, seria necessário o adubo e a chuva mais abundante e regular para continuar oferecendo seus frutos. E sem os financiamentos necessários e a assistência técnica, as famílias fracassam junto com a fragilidade da terra, que envelheceu sem receber a devida atenção.

Terra e família se inter-relacionam, de modo que ambas devem corresponder às necessidades, se não estiverem em condições propícias para produzir e trabalhar, as expectativas com a chegada ao lugar não serão correspondidas. O olhar para esses assentamentos revela os sentimentos e representações de terra de trabalho e de lugar de

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

sossego. O vivido é orientado por uma memória individual e coletiva, instituidora e fortalecedora de sociabilidades e tradições, fazendo, desse vivido, uma travessia entrecortada por conquistas e sonhos alcançados mas, também, por desafios que nem sempre são transpostos com facilidade.

O que fazer com uma terra envelhecida no sentido apresentado pelo senhor Nonô? Lutar contra a natureza? Como fazê-la produzir novamente, já que se trata de um recurso artificial, que foge ao controle e poder do/a agricultor/a? Apesar das dificuldades, o sonho de *viver na e da terra* continua, pois percebemos, nos contatos diretos com as famílias, que elas não desistem dos seus sonhos. Afirmam, categoricamente, que mesmo diante das dificuldades, a vida melhorou muito com a conquista da terra.

Nessa trajetória, segundo os relatos das famílias, há o predomínio dos sonhos e dos projetos familiares, o que fortalece uma dedicação *para com a terra e na terra*, concebida como ponto de partida e de chegada da travessia, mesmo frente às ambiguidades apresentadas *pelo e no* cotidiano, como nos fala dona Marinete, afirmando que a vida é melhor no assentamento.

Ah acho que melhorou, acho que 100 % né? Melhorou bem porque não é fácil, a gente tem os filhos né? Vê eles trabalhando, e a gente não conseguia comprar nada pros filhos né? E hoje não, hoje tão tudo criado né? [...] Já casaram quase tudo cada um toma conta de sua vida né? Oh [...] Só que faz que nem Deus, só que é mais difícil, só que eu tenho comigo, que eu num sou muito boa de saúde né? (Assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005).

Mesmo convivendo com dificuldades, segundo Marinete, apesar de seus problemas de saúde, sua vida melhorou 100%, criou os filhos e eles conquistaram certa autonomia. Ela alcançou, com limitação, o sossego desejado e vive com tranquilidade, com a “ajuda” de Deus.

Da mesma forma, Dona Teresinha diz ter ficado mais nova:

Ah menina [...] eu acho que a minha vida é maravilhosa aqui [...] eu acho que eu fiquei até mais nova viu [risos]. (Assentamento Sul Bonito, Itaquiraí-MS, 2005).

Neste momento, também verificamos a relação da terra com o ciclo vital, pois ela demonstra ter ficado mais nova na terra, onde, de fato e de direito, começou a viver melhor e com mais tranquilidade, e ao mesmo tempo, se sente realizada e pretende continuar no assentamento “Até o dia de ser plantada”

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

Tanto Dona Teresinha quanto seu Nonô – citado anteriormente – consideram a terra como a própria vida, constituída por fases, como nascer, viver os períodos com mais facilidade diante da juventude e enfrentar as alterações que ocorrem com o passar do tempo. Mas ambos afirmaram que a vida melhorou muito.

Observamos que muitas famílias chegaram à nova terra de moradia buscando a realização dos sonhos, outras destacaram um sentido único: o de mudar de vida, sair da insegurança e das situações de desemprego nas cidades. Para as famílias, os dois princípios – realizar o sonho e ter segurança – são condições legitimadoras do acesso à terra, pois se resumem ao direito de viver dignamente.

Nesse sentido, Dona Terezinha demonstra ter realizado o seu sonho, tanto que, poderia ser “plantada” na terra, o lugar no qual germinam os frutos para alimentar a sua família, vai esperar até “chegar a sua hora”.

E continuará alimentando esperanças, coincidindo com a música: “Quando eu morrer. Cansado de guerra. Morro de bem com a minha terra.” (BUARQUE, 1997). Vejamos as suas considerações:

[...] que a gente realizou esse sonho di te esse pedacinho di terra hoje aqui pra vive em cima né? Porque isso aqui né? É tudo o assentamento pra mim é tudo tudo tudo mesmo [demonstrou muita emoção dessa conquista] porque aqui é o lugar que eu posso deita na minha cama e dormi sossegada, [...] você sabe que a terra ta aqui né? Você ta disfrutando, você ta vivendo se alimentando daqui, você deita na cama você ta pensando: “amanhã será que eu tenho emprego, será que eu sô mandada embora?” Então você ta firme aqui no seu serviço né? Meus netos tão crescendo aqui e eu tenho esperança que eu só vô saí daqui desse pedacinho di terra o dia que eu saí pro cimitério né? O dia que **eu for plantada** (risos) né? (risos) porque **por enquanto eu to plantando** e um dia **eu vou ser plantada** então é a esperança que eu tenho é que eu vou continua aqui [...] (Assentamento Sul Bonito, Itaquiraí-MS, 2005, grifo nosso).

Tais argumentações sobre o significado da terra, da conquista de um lugar digno para morar, ter sossego, “desfrutar” e se alimentar geram diferenças na organização da produção, nas relações sociais, às vezes, com maior ou menor grau de conflito, evidências negligenciadas pelo Estado.

O Estado não efetiva os assentamentos e/ou nem neles atua entendendo-os como espaços envolvidos por múltiplas representações do vivido, não unívocas, mas, sim, diversas e ambíguas que resultam em conflitos e formas de organização variadas, às vezes, mais ou menos, descontínuas.

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

Os conflitos e diferenças de concepções do viver nos assentamentos podem ser caracterizados, primeiramente, entre as **próprias famílias** que orientam seus projetos de modo diferenciado e participam da organização interna dos assentamentos, impulsionadas a alcançarem seus objetivos. Para isso, esforçam-se em suprir suas necessidades, mas também se preocupam com o contexto amplo do assentamento, envolvendo especialmente as políticas públicas (financiamentos, infraestrutura, educação, saúde, dentre outros).

Em segundo lugar, esses conflitos e diferenças permeiam a relação entre **famílias e o Estado**, o que ocorre diante do desencontro entre as propostas estatais e o que as famílias realmente esperam, e também da inconsistência do projeto de reforma agrária, fator gerador de insatisfações e dificuldades para a permanência na terra. E por fim, podemos citar os conflitos entre as **famílias e os mediadores**, os quais em alguns casos não compreendem o projeto familiar impulsionador da procura por terra.

Neste momento, pensamos os assentamentos como um lugar de múltiplas possibilidades e experiências. As pessoas participam de “viveres divergentes”, projetos comuns e diferentes. Os sentidos dos assentamentos são expressos, utilizando a metáfora do sertão, tão bem “falado” por Guimarães Rosa, “[...] ‘o sertão é o mundo’ como tal, é o lugar do movimento, de contextualizações variadas, mundo original cheio de contrastes, modelo do universo.” (NEITZEL, 2004, p.113).

Os assentamentos são mundos *de e em* movimentos, de idas e vindas, de encontros e desencontros, por isso, são lugares de memória, de experiência, de vir a ser e estar sendo diante dos obstáculos da travessia, incompleta, mas com *os possíveis* de completude.

Esse é, portanto, o cenário dos assentamentos de reforma agrária, espaços sociais e políticos formados por perspectivas de dias melhores, mas não isentos de tensões, contradições e inseguranças (ROMANO, 1994)<sup>16</sup>. Desde a sua implantação, após a criação do Plano Nacional de Reforma Agrária, no ano de 1985, os assentamentos rurais são desafios de pesquisa, inúmeros estudos foram e são realizados sobre a vida nesses espaços. Ao mesmo tempo, como a realidade é dinâmica, os estudos continuarão.

---

<sup>16</sup> Romano utiliza essa denominação ao analisar as considerações de Zimmermann, que estuda o assentamento à luz da teoria Bourdieu, ao caracterizá-lo como um “campo social” em que estão em concorrência os níveis de “capital específico” na disputa de poder. Na leitura de seu texto, é possível percebermos a construção indireta da noção de assentamento como “campo de lutas”, que é assim definida por Romano. Tais considerações, aqui utilizadas, são resultado da análise que Romano fez de diversas falas do seminário “A problemática dos Assentamentos Rurais: uma perspectiva multidisciplinar”, ocorrido no Rio de Janeiro em novembro de 1992. Nesta mesma obra, outra autora, Ferrante, também utiliza a expressão campo de luta para definir o assentamento em que desenvolve pesquisas. Vide Medeiros et al. (1994).

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

Por que continuarão? Os assentamentos são resultado de uma política pública que demanda a efetivação de outras com potencial para a criação de alternativas à permanência das famílias na terra, diante de adversidades e diferenças de concepção de produção, especificidades nos arranjos familiares, enfim, como afirma Medeiros, “são verdadeiros laboratórios de pesquisa”<sup>17</sup>.

Nos assentamentos rurais, muitas necessidades, tanto de infraestrutura, quanto as relativas aos direitos humanos, como saúde e educação, ainda não são supridas e geram diversas insatisfações, demonstradas, por exemplo, na vontade das famílias de irem embora para procurar melhores condições de vida. Esta atitude pode ser uma ilusão. Nas cidades a exclusão e a falta de postos de trabalho são iminentes, ou então, tais pessoas se arriscam em atividades insalubres e mal remuneradas, como o corte da cana, atividade que se expande rapidamente no estado de Mato Grosso do Sul<sup>18</sup>. Logo, as políticas públicas, de um modo ou de outro, têm função de facilitar a organização espacial e social do sítio. Como destaca a senhora Rita:

[...] Já temos casa, mas ainda continua sendo um pouco difícil aqui, por causa que [...], tem, falta muita coisa, né?, muito recurso ainda aqui pra gente, geralmente um [...], na área de saúde né? Educação, tudo tá faltando ainda aqui, por isso que a gente sofre muito né? Mais em compensação [sic. comparação] aos barracos estão bem melhor, né? Diferente, já bem melhor, né? (Assentamento Lua Branca, Itaquiraí-MS, 2007, 62 anos).

Outras características das políticas públicas direcionadas aos assentamentos rurais são o descompasso, a lentidão para chegar aos grupos e os valores dos financiamentos insuficientes, dentre outras. Sabemos que nos últimos oito anos do Governo Lula (2003-2010), houve um avanço significativo, tanto em valores quanto em correspondência às demandas, entretanto, muitas “arestas precisam ser fechadas”, sendo assim, as pesquisas são responsáveis por colaborar para este intento.

Consequentemente, como os assentamentos são palcos das diversidades, de especificidades e de trajetórias múltiplas, esperamos que as políticas públicas cheguem a esses espaços de modo a responder às características dos projetos familiares, envolvidos por culturas, modos de vida e condições concretas de existência, outrossim, por sociabilidades.

---

<sup>17</sup> Expressão utilizada por pesquisadora em Mesa na IV Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais 2009, realizado na UNICAMP, referindo-se à Profa. Leonilde Medeiros.

<sup>18</sup> A pesquisadora Maria Aparecida Moraes Silva estuda este tema com propriedade, demonstrando o processo de “morte prematura” de homens que trabalham no corte da cana. Ela publicou vários trabalhos e participa de movimentos de combate a este tipo de atividade, inclusive denunciando aos órgãos competentes as condições desumanas a que são submetidos tais trabalhadores.

Almejamos que exista aproximação entre as políticas públicas e a realidade dessas famílias, para que, assim, o Estado cumpra uma de suas funções sociais, a de criar alternativas para a produção agropecuária e, conseqüentemente, exista a resposta para outras necessidades sociais, como acesso à educação, à saúde, ao lazer, e o combate à violência de gênero.

O senhor Mário nos falou sobre a dificuldade do seu filho estudar:

[...] que [...] tem muitos jovens aí, que precisavam estudar vamos supor, o Mobral assim à noite né? Porque vamos supor, tem esse, esse menino meu mais velho com vinte e sete anos, ele *male e male* ele aponta o nome dele né? (Assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005, grifo nosso).

Talvez, este seja um dos maiores desafios para que a vida-travessia nos assentamentos seja o desejado e esperado pelas famílias, de modo mais amplo e significativo, descompasso das políticas públicas.

### **A continuidade da vida-travessia**

Nessa perspectiva – de continuidades e descontinuidades – a vida-travessia se estrutura no processo de ocupação do novo espaço social e isso envolve escolhas, por sua vez, com muitos conflitos. As famílias trazem diferentes situações e experiências que se unem como retalhos de variadas cores e texturas, formando uma grande colcha, um conjunto que, mesmo unido, preserva suas especificidades.

A travessia se refaz e é apresentada sob novas características. As famílias querem, agora, desenvolver o seu projeto com um objetivo fundamental: melhorar de vida, cujo sentimento se caracteriza pela existência de tranquilidade, pela não submissão ao controle do patrão e pela posse de seu próprio tempo e lugar. Em entrevista, Marinete demonstra ser o assentamento a alternativa de uma vida melhor para sua família, evidenciada na vontade de ver os filhos crescerem sem o sofrimento do passado vivido por ela e pelo marido:

Bom o motivo foi assim, porque é a gente sempre trabalhava assim no que era dos outros pagando renda né? E a gente sempre tinha vontade de ter o que é da gente, mexer no que é da gente pra trabalhar, ver os filhos crescerem, e não ver os filhos sofrerem como a gente sofreu né? Porque a gente que é pai e mãe sempre quer o bem pros filhos né? (Assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005).

Essas mulheres e esses homens sabem de onde vieram, ou seja, conhecem seu “ponto de partida” e sonham com seu “ponto de chegada”. O desafio é o “meio”, a travessia, nela os sentimentos, as necessidades, as angústias são menos nítidas, a visão pode se tornar turva e o controle do tempo incerto. O que parece ser não é tão visível (BORGES, 1997).

Na vida-travessia, famílias vivem uma intensa e contínua busca por reconhecimento e por espaços nos quais podem se **fazer** pessoas agricultoras, pessoas camponesas, como afirma Guimarães Rosa: as pessoas nunca estão prontas, elas estão sempre se fazendo. Nessa busca, elas se encontram com outras pessoas e grupos, se completam, se autorreconhecem e se autovalorizam. Entretanto, não há confiança na existência de um ponto de chegada, ou, às vezes, não identificam o verdadeiro ponto de partida, já que a vida é a constante procura de uma **margem** mais segura do rio, um lugar de sossego e de fartura.

As famílias decidem conquistar uma terra, este é o ponto de partida, vão para um assentamento, desfazem os laços de amizade, separam-se de familiares, despedem-se de lugares e pessoas, cheiros e lembranças. O motivo de tal decisão pode ser múltiplo, desde a condição de exclusão e pobreza vivida, até uma lembrança de infância, um resquício positivo de um passado vivido na terra e registrado em sua memória.

Poderá existir outro ponto de partida? Sim, quando as famílias, após anos de espera, chegam ao assentamento e há um novo (re) começo. Não tão novo por ser uma (re) construção de sentidos para a nova vida e para estar na terra, mas é a garantia de pertencer a um lugar e a uma comunidade, de reviver antigos códigos de linguagem que aproximam as pessoas por meio de sentimentos comuns.

Há uma complementaridade entre o pessoal, o coletivo, o concreto e o local, entrecortada por ambiguidades, desconfianças, conflitos e incertezas. Tanto que há a aceitação de mudanças e, ao mesmo tempo, há resistências às novidades com o reforço de alguns princípios, atitudes e valores essenciais ligados à terra e à família (HOGGART, 1973).

E o ponto de chegada? Este está na outra margem do rio, mas não se sabe se mais abaixo ou mais acima de seu leito. Só se sabe que entre uma margem e a outra estão as águas de um rio, com sua correnteza que pode direcionar as famílias para caminhos insólitos, mais felizes, de maior liberdade ou de maiores dificuldades, com angústias e tristezas ocultando sonhos e aspirações de realizações (FARIAS, 2008). São possibilidades formadoras da vida-travessia, a qual é ponto de partida e de chegada, ao mesmo tempo, com continuidades e descontinuidades, com permanências e mudanças.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

Tais considerações acerca do ponto de partida e de chegada levam à conclusão de que a vida nos assentamentos deve ser considerada em suas nuances, em suas ambiguidades, por se tratar de um **espaço-tempo-travessia**, onde os múltiplos esforços são edificados para que a **vida deixe de ser tão difícil de ser vivida**.

Por isso, e por tantas outras coisas, há de se concordar com Guimarães Rosa ao dizer que “Viver é um descuido prosseguido”, e acrescenta: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2001, p.80). Enfim, a travessia sempre recomeça permeada por novos desafios e obstáculos, entendemos que ela é a própria vida em andamento, não se finda, se ressignifica intercalada às relações sociais.

Desse modo, as diferenças ficam evidentes. As famílias trazem arraigadas, em sua identidade, aspectos de uma trajetória e de uma história de vida que não se apagam facilmente; e, assim, as condições materiais e objetivas de cada uma são heterogêneas em diversos sentidos: posse de utensílios e capital-dinheiro, instrumentos, número de filhos maiores ou menores, redes de amizade e auxílio. Há uma resistência **positiva** permanente em preservar valores, atitudes, visão de mundo, vontades futuras de um projeto familiar consolidado, o que acarreta, substancialmente, impulso para a sua permanência na **luta na terra**.

É possível complementar, a partir de reflexões compartilhadas com Wanderley (2003): morar no campo agrega alguns valores e significados, este lugar é concretizado e representado pelo sítio conquistado através do processo de reforma agrária, podendo, assim, analisá-lo como um espaço de investimento e de consumo, como um patrimônio natural e cultural e, sobretudo, como o espaço de vida, de trabalho e de moradia.

Tem a minha vizinha ali, essa daqui né? E a [...], todas aqui são minhas [...] minhas amigas, eu era [...], eu, eu tinha um grupo de oração né? Então a gente visitava muito né? Mas depois que eu adoeci das pernas né? Aí acabou [...] ninguém mais quer saber né? Porque eu [...], eu faço terço aqui, mas é difícil, às vezes vem uma pessoa, duas, e é assim, e assim a gente vai levando né? (Rita, assentamento Lua Branca, Itaquiraí-MS, 2007).

Trata-se, então, do lugar de reprodução da vida e da família, permeado por dificuldades, como observamos no trecho de entrevista acima. A partir do momento em que os membros familiares entram em contato com a natureza, moldam-na para plantar e produzir os frutos essenciais à subsistência, eles instituem processos de integração social. Portanto, precisamos saber quem são essas pessoas, quem vive neste espaço-tempo, como vivem e como desejam viver, como se representam a si próprios/as e ao seu trabalho na terra.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

Considerando as pesquisas realizadas e o contato prolongado com as famílias dos assentamentos rurais no sul de Mato Grosso do Sul, constatamos que elas se autorreferenciam como agricultores/as familiares, trabalhadores/as agrícolas, e demonstram já terem vivido na cidade, quando, então, desenvolveram diversas atividades. Porém, enfatizam, prioritariamente, que já foram do campo e a ele retornaram. Terezinha retrata isso da seguinte forma:

E eu passei muito tempo trabalhando de empregada dos outros, trabalhei di di arrendatária, depois trabalhei di di funcionária pública, trabalhei nas lavouras, trabalhei sofri muito em todo tipo de trabalho fui doméstica né? Trabalhei ni clubes, fui é [...] pessoa assim encarregada di é organizar festas, eu já fiz di tudo um pouco. Eu já trabalhei em serraria, trabalhei em carvoaria, trabalhei em tudo que já foi tipo di serviço né? Eu nunca fiquei parada, trabalhei muito, mas o meu sonho maior que eu tinha era di um dia eu ter um pedacinho di terra onde meus filhos crescessem, meus netos crescessem em cima dessa terra né? [...] e que fosse minha que eu plantasse e tivesse a oportunidade de comer o fruto que a terra produzia [...] (Assentamento Sul Bonito, Itaquirai-MS, 2005).

São essas pessoas – mulheres, homens, jovens e crianças – que buscam o acesso aos bens materiais e simbólicos, com suas identidades, como afirmou uma aluna do Curso de Ciências Sociais/Pronea/UFGD, no ano de 2007: “Temos uma identidade de sem-terra”, outra acrescentou “o jovem não pode ter vergonha de falar que é trabalhador/a rural”.

Enfim, podemos caracterizar essas pessoas agricultoras familiares como assentadas/os com uma tradição camponesa estruturada no trabalho familiar, já modificada em alguns casos, mais ou menos afluída em outros. Como observamos nas palavras da senhora Marinete:

Porque olha? No [...] no tempo que eu tava com meu pai, era eu quem trabalhava mais na roça sabe, arrua café, você entendi? [pergunta à pesquisadora] arruma café né? Tirar tudo as sujeiras debaixo dos pé do café, fazer os montes e as lera né? (Assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005).

São pessoas que precisam se compreender no mundo modernizado e compreender o mundo, ou melhor, entendê-lo em sua lógica economicista e consumista, e entender as suas influências, criando novos e inusitados desejos, especialmente entre as crianças e jovens. Novos e inusitados desejos, são tantas as possibilidades para compreendê-los, pois não é fácil definir o grau de interferência deste mundo modernizado na configuração dos desejos. Nem mesmo compreender a sua ressignificação e as formas de resistência para que esses desejos

fundamentais para a felicidade orientem o sentido da travessia. Epicuro destaca que há uma “finalidade da vida feliz”:

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (EPICURO, 2002, p.35).

E compreender o mundo que interfere na constituição dos desejos naturais necessários não é uma tarefa fácil para as famílias, quanto mais para as crianças e jovens, diante de inúmeras dificuldades para afastar a “dor e o medo”.

### **Pensar em concluir? A continuidade das reflexões e dos desafios**

Façamos a pergunta: qual o lugar do/a camponês/sa? E respondemos em concordância com Martins (2003): não tem lugar, ou esse lugar é residual; tem lugar, como produção do Estado, tem lugar para adaptação e manutenção de sua tradição no contexto do mundo moderno. Enfim, um/a agricultor/a como camponês adormecido, com um princípio básico e universal: são sujeitos/as de direito.

Com esta identidade formadora de um conjunto de significados, que, concomitantemente, a reforçam e dão colorações específicas às sociabilidades “camponesas”, as famílias seguem seus caminhos na travessia, com esforços cotidianos de permanência na terra como o princípio fundante da continuidade de uma tradição primordial para a reprodução familiar: a indissociabilidade da terra/família/trabalho, segundo Martins:

A fórmula está posta aí, na indissociação de terra para trabalhar e casa para morar, base do sossego, isto é, da supressão do risco do desenraizamento em consequência de vontades pessoais e fatores impessoais. Esse é um dos aspectos do conservadorismo de orientação do agir de acampados e assentados. De fato, a luta não é primariamente pela terra e sim luta contra a desagregação das relações sociais tradicionais, que resulta na incerteza do desenraizamento, na perda de um lugar de referência. (MARTINS, 2003, p.23).

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

No entanto, muitas contradições e obstáculos – que esperamos ter discutido com as limitações que sabemos existir – interrompem processos, tradições, de modo que encontramos em algumas famílias a ruptura dessa indissociabilidade entre terra/família/trabalho, situações nas quais a terra é apenas para moradia e a produção é residual, como aquele/a camponês/a que se “perdeu” na travessia, nas águas turvas do rio. Não nos esqueçamos, ainda, de que esta família possui muitos arranjos. Assim, ocorre a indissociabilidade entre produção e reprodução familiar.<sup>19</sup>

Entretanto, as afirmações de Martins continuam a orientar o imaginário dessas famílias, com os resíduos do vivido alicerçado no tripé terra/família/trabalho. São os quadros sociais da memória discutidos por Halbwachs (1990). São as referências para o fortalecimento de identidades novamente estruturadas em processos de sociabilidade revividos e/ou reinventados.

E para a permanência na terra há que se questionar as falsas ideologias de homogeneidades culturais, a ideia de que a produção deva ser orientada pela lógica do mercado. Ideologias essas que, esfacelam ou ainda mantêm sonhos e perspectivas incentivadoras da busca por superação das dificuldades da travessia, negam experiências como a troca de produtos e seus significados, a reserva da produção para a segurança alimentar da família.<sup>20</sup>

Como salientou Thompson (1998), o capitalismo transformou a natureza humana, e suas necessidades foram sendo gradativamente ampliadas e manipuladas pela produção capitalista. Apesar dessa influência do aspecto econômico na vida das pessoas, antigos “códigos, expectativas e necessidades alternativas”, permanecem, e dessa mutação do antigo e novo, surge um conjunto de possibilidades que extrapolam o âmbito econômico.

Há momentos nos quais as famílias sentem necessidade de novas referências, mas, calcadas na experiência. É a possibilidade da reconstrução de uma nova consciência costumeira, que colabora, neste caso estudado, para a criação de estratégias familiares de permanência na terra, tanto que ainda encontramos as formas tradicionais de produção, por meio de mutirões, troca de dias de trabalho, contratos firmados na oralidade.

Neste sentido, as famílias recriaram uma gama de estratégias que em algum lugar foram utilizadas, reflexos de sua sociabilidade. Essas se apresentam com características

---

<sup>19</sup> Pesquisas em outros estados também demonstram esta situação, fato discutido no Primeiro Simpósio: Feminismo, Ação Política e Agroecologia, realizado em Recife de 12 a 14 de novembro de 2010.

<sup>20</sup> Este tema foi tratado pela pesquisadora Delma Pessanha Neves, durante a participação em Mesa Redonda no Primeiro Simpósio: Feminismo, Ação Política e Agroecologia, realizado em Recife de 12 a 14 de novembro de 2010.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

diferentes, como podemos verificar em algumas considerações de Candido (1964), ao observar certas modificações nas formas de mutirões, pois os sujeitos vão adaptando o anterior existente, de modo a corresponder na atualidade às novas necessidades, porém, mantém-se a essência da experiência permeando as recriações.

Neste momento, é importante trazer algumas reflexões de Berger (1985), ao analisar o fenômeno da religião por meio da sociologia do conhecimento. Mesmo que nosso tema não seja a religiosidade, suas considerações podem esclarecer alguns fatores ligados à sociabilidade de mulheres e homens estruturando suas subjetividades. Para o autor mencionado, mulheres e homens<sup>21</sup> tornam-se pessoas, constituem uma personalidade, vivendo relações sociais. Em um processo dialético, produzem a sociedade e são produzidas/os por ela. Esse processo dialético passa por três estágios: exteriorização, objetivação e interiorização. Berger salienta que

Só se poderá manter uma visão adequadamente empírica da sociedade se se entender conjuntamente esses três momentos. A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade. (BERGER, 1985, p.16).

Em outras palavras, as pessoas, ao desenvolverem atividades materiais e não-materiais, criam e recriam a realidade num processo de exteriorização, ou seja, estão se colocando no mundo, que passa a ser entendido e aceito como tal, no processo de objetivação, pois essas, humanamente construídas, conquistam sua própria forma, fugindo da vontade e do controle de seu próprio criador (BERGER, 1985).

Segundo as considerações do mesmo autor, este mundo e sua cultura permanecem independentes da subjetividade do indivíduo e a objetividade da sociedade estende-se por todos os espaços, definindo papéis, identidades, padrões de comportamento que encontram respaldo nas instituições familiares, estatais, escolares, etc. Na convivência social, tais papéis

---

<sup>21</sup> O autor utiliza homem como uma categoria universal, eu substituí por mulheres e homens, em outros momentos por pessoas.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

são desempenhados como modelos objetivados que, muitas vezes, são alheios à sua subjetividade, mas estão “disponíveis como elementos objetivos do mundo social” (BERGER, 1985, p.27), haja vista que os sujeitos vivem, no final do processo, a interiorização que os fez apreenderem tais modelos como parte desta sociedade e cultura.

Ou seja, a sociedade funciona agora como a ação formativa da consciência individual. Na medida em que ocorreu a interiorização, o indivíduo apreende agora vários elementos do mundo objetivado como fenômenos internos de sua consciência ao mesmo tempo que os apreende como fenômeno da realidade exterior. (BERGER, 1985, p.28).

Por fim, as pessoas vivem um longo processo de socialização que não ocorre individualmente, mas encerra uma realização coletiva, o eu-outro. A compreensão e a apreensão do mundo social acontecem mediante relações e convivências coletivas, pois compõem uma dialética entre identidade subjetiva e realidade subjetiva de mulheres e homens diante de si e das/os outras/as, numa relação de aceitação e afirmação dos sujeitos entre si. (BERGER, 1985).

A sociabilidade das pessoas não termina, é um processo contínuo que se prolonga por toda a vida. Portanto, é fundamental que as mulheres e os homens encontrem respaldos que possibilitem a efetivação de suas expectativas e necessidades, ou seja, vários interlocutores se apresentam enquanto suporte, os membros da família, amigas/os, vizinhas/as, dentre outros, mantendo códigos de comunicação e de conversação entre si, e o grupo passa a se identificar a partir desses códigos, mantendo viva a identidade individual e coletiva:

[...] a realidade subjetiva depende do tênue fio da conversação. A razão de muitos de nós não termos consciência dessa precariedade, a maior parte do tempo, está na continuidade de nossa conversação com os interlocutores importantes. A manutenção dessa continuidade é um dos mais importantes imperativos da ordem social. (BERGER, 1985, p.30).

Por conseguinte, é necessário criar mecanismos de resistência pautados em reflexões e conversações com as redes de movimentos sociais para formar e difundir conhecimentos alicerçados nos princípios mantidos e valorizados pelas famílias: tradição camponesa, mística e resistência, bem como as influências e transformações atuais. Tais princípios coexistem de modo relacional, ou seja, o tradicional não se apaga totalmente, e nem sempre o moderno se impõe. Há relações entre o local e o global, entre o individual e o coletivo.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

Assim sendo, estamos falando do campo como um lugar onde a linguagem é comum – guardando suas particularidades – a cultura produz sentidos e significados no vivido, a conversação se mantém entre interlocutores, enfim, nele as pessoas podem construir e ressignificar suas vivências e experiências, efetivando e fortalecendo suas identidades. Vivem sociabilidades contínuas e ressignificadas.

Esperamos que esses princípios agregadores de sociabilidades correspondam à diversidade da vida, sendo ela vivida em meio às transformações constantes ocorridas em ritmo muito intenso, porém atuante na composição de um feixe de potencialidades consolidadas nos campos histórico, cultural, político e coletivo, sempre orientados por uma temporalidade histórica e pessoal extremamente dinâmica. Um movimento de inter-relação contínua de saberes, de vivências e de experiências cotidianas dos sujeitos sociais – homens, mulheres, meninos e meninas.

Enfim, as famílias assentadas já foram da cidade e do campo. Elas viveram, em grande parte, um processo de migração constante e cujo ponto final/inicial dessa travessia pode ser definido como a volta ao campo, mas, como se sabemos, nada é definitivo, tudo se move e se faz em uma constância muito mais inconstante do que se imagina. Se não há fim ou começo demarcados totalmente, há uma travessia, um movimento da própria vida, na qual a cultura é um elemento forte e arraigado nos corpos, nas mentes, nas concepções de mundo e de sociedade dos/as caminantes que chegaram a uma terra de moradia.

Para abrir possíveis nas reflexões ora apresentadas, repito a citação do Epicuro quando nos fala sobre a “finalidade da vida feliz”, orientada por uma procura constante de sintonia com a própria condição de “serenidade do espírito” em meio às dificuldades do viver nos assentamentos. Ele diz que: o “[...] conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.” (EPICURO, 2002, p.35).

As famílias convivem com a terra de fartura ou infértil, com recursos e às vezes sem nada, produzem para sua subsistência e vendem o excedente, mas também se frustram com as perdas em tempos difíceis... Mas estão firmes neste chão, fincadas na terra, sempre de bem com a terra... mesmo após a morte.

Enfim... como nos alenta Mário Quintana (2011)<sup>22</sup>: “Ai de mim. Ai de ti, ó velho mar [eu diria velho rio] Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios”. A vida-travessia dessas

---

<sup>22</sup> Nascido em Alegrete, RS, 1906.

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

famílias demonstra que elas conseguem alcançar a tona, mesmo não sendo o ponto final, mas a continuidade da procura por uma “vida feliz”.

### ***LIVING ON THE LAND AND LIVING FROM THE LAND: SOCIABILITIES IN THE DAILY LIFE OF THE FAMILIES IN THE RURAL SETTLEMENTS IN THE STATE OF MATO GROSSO DO SUL***

**ABSTRACT:** *The thoughts presented here aim at registering what was lived in the rural settlements in the state of Mato Grosso do Sul. To this end, we analyze the life-crossing process of people who demonstrated their understanding about the meanings of living on the land and living from the land. We believe that this quest starts in the settlement and it is extended beyond the arrival at the settlement since it is a never-ending crossing. It is formed and (re)formed because of a constant demand to turn this place into the arrival point. However, as life is in constant motion, families tend to follow these changes in a creative way, reviving structured sociabilities and bringing some old and new relationships and values to life. Therefore, their life stories are reconstructed within their social relationships created in the settlements with features of incompleteness. In these settlements, life is transformed, it moves with (dis)continuity, or perhaps with a stronger continuity than ever imagine. Thus, in the life-crossing process, former aspects continue to guide the family project and the new aspects are not always embedded. This article is the result of a period of qualitative research developed through participant observation, interviews and application of forms in the rural settlements in MS, since the nineties, and with some currently strong emphasis since 2005.*

**KEYWORDS:** *Rural settlements. Life-crossing. Land. Work. Family.*

### **REFERÊNCIAS**

- ALBANEZ, J. L. **Sobre o processo de ocupação e as relações de trabalho na agropecuária:** o extremo sul de Mato Grosso (1940-1970). 2003. 156f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourado, Dourados, 2003.
- BERGER, P. L. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BIDASECA, K. **Perturbando el texto colonial:** los estudios (pos) coloniales em América Latina. Buenos Aires: SD, 2010.
- BORGES, M. S. L. **Terra:** ponto de partida, ponto de chegada: identidade e luta pela terra. São Paulo: Anita, 1997.
- BUARQUE, C. Assentamento. In: \_\_\_\_\_. **Terra.** [S.l.]: Marola, p1997.
- CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida. 7.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.
- EPICURO. **Cartas sobre a felicidade:** (a Meneceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

## Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul

---

FARIAS, M. de F. L. de. A vida-travessia de mulheres nos assentamentos de reforma agrária no Sul de Mato Grosso do Sul: impressões de uma trajetória de pesquisa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST17/Marisa\\_de\\_Fatima\\_Lomba\\_de\\_Farias\\_17.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST17/Marisa_de_Fatima_Lomba_de_Farias_17.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **Acampamento América Rodrigues da Silva**: esperanças e desilusões na memória dos caminhantes que lutam pela terra. Dourados: Dinâmica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Assentamento Sul Bonito**: as incertezas da travessia na luta pela terra. 2002. 409f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Presença, 1973.

LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Reforma agrária**: o impossível diálogo. São Paulo: EDUSP, 2000b.

MARTINS, J. de S. (Coord.). **Travessias**: a vivência da reforma agrária nos assentamentos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

MEDEIROS, L. S. et. al. **Assentamentos rurais**: uma visão multidisciplinar. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.

MENEGAT, A. S. **No coração do Pantanal**: assentados na lama e na areia. Dourados: Ed. da UEMS, 2009.

NASCIMENTO, M.; BUARQUE, C. Levantados do Chão. In: \_\_\_\_\_. **Terra**. [S.l.]: Marola, p1997.

NEITZEL, A. de A. **Mulheres rosianas**: percursos pelo Grande Sertão Veredas. Florianópolis: Ed da UFSC; Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2004.

QUINTANA, M. **Poesia de Mario Quintana**: "Todos esses que aí estão / atravancando meu caminho / eles passarão... / eu passarinho!". Disponível em: <<http://poetamarioquintana.blogspot.com/>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

SIMPÓSIO FEMINISMO, AÇÃO POLÍTICA E AGROECOLOGIA, 2010, Recife. **Anais...** Recife: UFPE/FAGES, 2010.

## **Viver na terra e viver da terra: sociabilidade no cotidiano de famílias em assentamentos rurais no Estado de Mato Grosso do Sul**

---

ROMANO, J. O. Poder, valores e conflito nos processos de organização no interior dos assentamentos: comentários a um debate. In: MEDEIROS, L. et al. **Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994. p.249-258.

ROSA, G. **Grande Sertão: veredas**. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WANDERLEY, M. de N. B. Morar e trabalhar: o ideal camponês dos assentamentos de Pitanga (estudo de caso no Nordeste). In: MARTINS, J. de S. (Coord.). **Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p.203-246.

YAMIM, G. A.; FARIAS, M. de F. L. Ambiguidades na vida das famílias nos espaços de reforma agrária. In: MENEGAT, A. S.; TEDESCHI, L. A.; FARIAS, M. de F. L. (Org.). **Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário**. Dourados: Ed. da UFGD, 2009. p.187-205.